

O ECOTURISMO EM BROTAS-SP: AÇÃO PÚBLICA E PRIVADA NA PRODUÇÃO DA LOCALIDADE TURÍSTICA

Mirlei Fachini Vicente PEREIRA¹

Amanda Regina GONÇALVES¹

Resumo

O município de Brotas, no centro do Estado de São Paulo, destaca-se como um dos principais destinos ecoturísticos do Brasil. A cidade vê a partir dos anos noventa do século passado, o turismo como uma nova alternativa de desenvolvimento econômico, onde são explorados recursos paisagísticos locais como rios e cachoeiras. Destaca-se o papel desempenhado tanto pela ação pública como por agentes privados para criar uma imagem nova, notadamente orientada para o consumo, e transformar o município em uma localidade turística. A ação da publicidade na promoção da atividade turística modifica o cotidiano do município, e paralelamente a renovação das infraestruturas locais, constrói-se no imaginário social uma nova identidade para o lugar.

Palavras-Chave: Localidade turística; Ecoturismo; Sustentabilidade; Brotas/SP

Abstract

The eco-tourism in Brotas-SP: public and private action in the production of the tourist locality

Brotas's city placed at the state of São Paulo, stands out as one of the main countryside eco-tourism destinies in Brazil. Since the 90's of the last century, the city observes the tourism as a new alternative of economical development, where local landscapes resources are explored such as rivers and waterfalls. Such the public as the private agents role perform a new image which have stood out, especially guided for the consumption, and transformed the city into a touristy place. The actions of the publicity on promoting tourist activities modifies daily the city, and parallel this renewal of infrastructures, a new social imaginary identity have been generated.

Key-words: Tourist locality; Eco-tourism; Sustainability; Brotas/SP.

¹ Geógrafos e alunos do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração Organização do Espaço, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP – Rio Claro. mirleipereira@yahoo.com.br; agonc@bol.com.br.

INTRODUÇÃO

O ECOTURISMO COMO RECURSO DE “DESENVOLVIMENTO”

A mobilização da opinião pública sobre a escassez de determinados recursos naturais, e assim, a eminência de uma grave crise ambiental, colaborou para o surgimento de transformações na ideologia de produção, primeiramente entre os países desenvolvidos e agora também entre países pobres. O modo de desenvolvimento capitalista é permeado nas últimas décadas do século passado por uma “ideologia preservacionista”, ainda que por vezes reproduzida apenas como uma “imagem” ou símbolo, com a intenção de conservar os recursos naturais encontrados em condições pouco modificadas pela ação da sociedade.

Dentro desta nova ideologia de produção aparece a idéia de “desenvolvimento sustentável”, defendendo um desenvolvimento econômico e social que não coloque em risco a quantidade e qualidade dos recursos do planeta para as futuras gerações. Dessa forma, “o desenvolvimento sustentável é, assim, expressão e instrumento de um novo modo de produzir e um novo modo de regulação” (BECKER, 1996, p.226).

Como destaca Bertha Becker (1996), essa ideologia preservacionista acabou por ser “capturada” pelo sistema capitalista, e o chamado “desenvolvimento sustentável” acaba por compor as estratégias de acumulação do capital entre os grandes grupos econômicos no atual período da globalização, configurando um novo valor para os recursos tidos como naturais, sendo que as “reservas de natureza” ainda existentes passam a ser vistas como recursos ou “capitais de realização futura”.

O turismo ecológico ou “ecoturismo” é exemplo de uma alternativa que o mercado mundial da atividade turística encontrou para se inserir no “novo mercado” inaugurado pela ideologia do desenvolvimento sustentável.

Segundo o Ministério da Indústria, Comércio e Turismo do Brasil, o

ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (MICT/MMA, 1995; *apud* MORETTI, 2000).

Assim, o ecoturismo seria aquela atividade turística baseada numa ideologia de sustentabilidade, ou seja, a que visa a manutenção da qualidade dos locais e dos recursos explorados. O ecoturismo é um exemplo típico de atividade que utiliza notadamente paisagens compostas por elementos tidos como “naturais” (florestas, rios, praias, cachoeiras, etc.).

O ECOTURISMO NO MUNICÍPIO DE BROTAS

Localizado no centro do Estado de São Paulo, o município de Brotas possui cerca de 18 mil habitantes, e uma área de 1.062 Km², sendo que 81,9% deste território está integrado à bacia hidrográfica do Rio Jacaré-Pepira, um dos poucos afluentes do Tietê que ainda apresentam bom estado de conservação.

A localidade teve sua época áurea no princípio do século XX, com o cultivo do café. Com a expansão desta cultura, vieram os imigrantes italianos e a ferrovia,

porém a crise de 1929 coloca Brotas em um período de estagnação econômica. Hoje, além de participar dos circuitos de produção da agroindústria de cana-de-açúcar e laranja, a agropecuária também se destaca como uma das principais atividades econômicas do lugar, que agora também conhece o turismo como oportunidade geradora de renda.

É somente nos anos noventa, com o aumento da preocupação ecológica e de preservadorismo ambiental no Brasil, que o município de Brotas “descobre uma vocação” para a atividade turística, mais particularmente o ecoturismo, que utiliza principalmente os recursos naturais locais – rios com suas corredeiras e o grande número de cachoeiras como atrativos; visto que o município localiza-se no reverso das cuestas arenítico-basálticas da borda do planalto ocidental paulista, e as formas de relevo existentes na região propiciam a ocorrência de cachoeiras, resultando assim num recurso turístico.

Neste sentido, a paisagem local conhece um movimento de reorientação pelo mercado, e se constitui assim em um recurso de desenvolvimento econômico novo. Na atividade turística,

a paisagem é a primeira instância do contato do turista com o lugar visitado e por isso ela está no centro da atratividade dos lugares para o turismo. Não por acaso, portanto, algumas cidades se reorganizarem-se completamente para produzir paisagens atrativas para o consumo e para o lazer (CRUZ, 2002, p.109).

Quando determinados agentes locais, principalmente a prefeitura e algumas agências que se interessaram pelo município, enxergaram no ecoturismo uma nova alternativa de desenvolvimento econômico local, foram empreendidos uma série de esforços para consolidar uma “imagem” nova do lugar, buscando consolidar a atividade turística na cidade.

DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM BROTAS

A atividade ecoturística no município de Brotas relaciona-se com a história de um movimento ambientalista, o “Movimento Rio Vivo”, que em 1993 tinha por objetivo combater a instalação de um curtume, que potencialmente poluiria as águas do maior rio do município, o Jacaré-Pepira, que corta a área urbana da cidade e oferece atrativos como cachoeiras e corredeiras.

Com o sucesso do “Movimento”, que conseguiu impedir a instalação da empresa, inserem-se novas atitudes preservacionistas na cidade, orientadas agora por um discurso que oferece o ecoturismo como alternativa de desenvolvimento aliado à preservação ambiental. Destaca-se nesse processo a atuação da primeira agência – a “Mata D’Entro”, que até hoje é uma das maiores exploradoras da atividade ecoturística no município.

Um fator anterior que também colaborou para a implantação do ecoturismo no município foi a formação do Consórcio do rio Jacaré-Pepira, que ocorreu entre 1984 e 1988, como a primeira experiência de Consórcio Intermunicipal de Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Este consórcio visava a proteção da flora e fauna da bacia do rio Jacaré-Pepira, proporcionando a realização de vários trabalhos de caracterização da bacia, onde também foram realizados os primeiros estudos sobre a viabilidade de implantação da atividade ecoturística, além de programas de educação ambiental e projetos de recuperação de matas ciliares.

Mas é a partir de 1994 que Brotas é oficialmente reconhecida pelo poder público municipal como “cidade turística”, e vem sendo divulgada como a “a capital paulista dos esportes radicais e do ecoturismo sustentável”.

As ações empreendidas para o desenvolvimento da atividade turística em Brotas, quer seja pelo poder público local, quer pela iniciativa privada, foram basicamente as seguintes: um esforço para a criação de uma cultura local para o desenvolvimento do ecoturismo como alternativa econômica, a renovação da infraestrutura local do território e o estabelecimento de normas para o desenvolvimento e condução da atividade turística no município.

Esse conjunto de medidas para uma normatização da atividade turística em Brotas foi produzido principalmente pelo poder público local. A prefeitura, a partir dos anos noventa, e já tendo na atividade turística sua principal estratégia de desenvolvimento local, cria diversos mecanismos para a implantação do turismo na cidade, tal como foi a criação do COMTUR – Conselho Municipal de Turismo, e a própria Secretaria Municipal de Turismo, que até então não existia, visando assim envolver os setores público, privado, e a comunidade na condução das atividades turísticas no município.

A partir de 1998, a Prefeitura Municipal, buscando melhorias no desenvolvimento da atividade turística local, em parceria com outras instituições do município, desenvolve um programa para a elaboração de uma agenda ambiental no município. Nesta parceria, foram incluídos o desenvolvimento do projeto que ficou denominado “De Olho no Turismo”, que envolveu o planejamento do ecoturismo local e uma avaliação junto aos proprietários dos sítios que apresentam potencialidades turísticas na área rural do município; e um projeto de ação florestal, visando a recuperação de áreas degradadas, matas ciliares e nascentes, no intuito de preservar a vegetação, viabilizando assim novos recursos que potencialmente poderiam ser explorados.

Outra ação da prefeitura foi a capacitação de agentes municipais que foram destinados a colaborar com o desenvolvimento do turismo na cidade. Através do COMTUR, a prefeitura estabelece um conjunto de normas para a regulação das atividades turísticas, tal como a capacidade de carga, com o estabelecimento de cotas diárias (número de turistas) para a realização de determinados esportes ou outras atividades que se utilizam dos recursos explorados no município.

Ao mesmo tempo, o poder público, juntamente com a iniciativa privada, criam condições para despertar no município um maior interesse pela atividade turística, desenvolvendo campanhas de conscientização da importância da atividade como alternativa de desenvolvimento econômico e também de preservação ambiental.

Quanto à iniciativa privada, são as pousadas e hotéis, mas principalmente as agências locais de ecoturismo, que empreendem esforços de *marketing* para vender os esportes ecoturísticos praticados em Brotas, e mesmo as paisagens locais, projetando uma identidade nova ao lugar, assiduamente veiculada em revistas e informativos especializados de abrangência nacional, inclusive em diversos *sites* na internet.

Concomitantemente com o desenvolvimento da atividade turística no município, Brotas conhece uma renovação da infraestrutura material do território. É construído na década de noventa o terminal rodoviário intermunicipal, até então inexistente; melhorias nos serviços de saneamento básico que agora atendem toda a população; e mesmo uma renovação do setor terciário no município, que em dez anos (1993-2003), fez crescer de 3 para 24 o número de hotéis e pousadas, e de 3 restaurantes em 1993, para os atuais 21 existentes na cidade, entre outros (Tabela 1). O número de apartamentos e quartos disponíveis nos meios de hospedagem do município passa de 270, que conta ainda com 17 chalés e as infraestruturas de *camping*.

Tabela 1 - Evolução dos serviços para o turismo em Brotas (1993-2003)

Estabelecimentos	1993	2003
Hotéis, Pousadas e Pensões	3	15
Hotéis-Fazenda	0	4
Campings	1	5
Restaurantes	3	21
Agências de ecoturismo	0	17
<i>Total</i>	7	62

Fonte: Pref. Municipal de Brotas, 2003.

Assim, o meio urbano de Brotas conhece algumas mudanças, principalmente no entorno do “Parque dos Saltos”, do Rio Jacaré Pepira, no centro da cidade. Agências de ecoturismo, pousadas, hotéis e outros estabelecimentos comerciais renovam o conteúdo e as ações do centro, que conhece uma modernização das atividades de comércio e serviços. Bares, restaurantes e meios de hospedagem se instalam no centro com características modernas, à imagem dos estabelecimentos das cidades grandes, visando atrair o turista da metrópole.

Esses conteúdos “modernos”, novidades no espaço urbano brotense, ocupam muitas vezes prédios antigos da cidade. São construções antigas, características do auge do período cafeeiro, que agora se revitalizam com um conteúdo modernizado, notadamente orientado para o consumo. É a preocupação de oferecer o serviço moderno, mas ao mesmo tempo, conservar uma imagem de “lugar preservado”, mantendo sua historicidade.

O PERFIL DO ECOTURISTA EM BROTAS

Em pesquisa realizada pela prefeitura de Brotas (PREFEITURA, 2003), em conjunto com a USP (Esalq – Piracicaba/SP), puderam ser esboçadas algumas características gerais dos turistas que procuram a cidade de Brotas.

A idade média dos turistas que freqüentam a cidade varia em sua maior parte entre 25 e 30 anos, revelando uma idade bastante jovem para a maioria dos freqüentadores, visto que o principal produto turístico oferecido (o ecoturismo), envolve na maioria das vezes a prática de esportes de aventura, o que acaba por não atrair uma população de idade mais avançada. Mais da metade dos freqüentadores (52%) visitam a cidade na companhia de amigos, 41% dos turistas estão acompanhados pelo namorado(a) ou familiares, enquanto o restante visitam Brotas sozinhos ou em excursões.

Cerca de 40% dos turistas permanecem apenas um dia no município, não usufruindo das infraestruturas de hospedagem, enquanto que os 60% restantes, permanecem em média três dias no município. Aproximadamente um terço dos turistas são provenientes da capital paulista, o restante se divide principalmente entre residentes em Campinas-SP, e demais cidades do interior paulista ou outras regiões.

PRODUZINDO A LOCALIDADE TURÍSTICA

Se a idéia de preservação ecológica aparece como uma resistência ao consumo e destruição do meio ambiente, a atividade turística soube muito bem comprá-la e incorporá-la, e a cidade de Brotas é um dos exemplos mais nítidos deste fenômeno. Com os esforços de marketing empreendidos pelas agências de ecoturismo que promovem os passeios ou a prática de esportes, Brotas conhece um reequipamento das infraestruturas voltadas para atender um crescente número de turistas, provenientes das cidades médias do interior, mas principalmente da região metropolitana de São Paulo.

Esta ação da publicidade na promoção da atividade turística modifica o município, e paralelamente a renovação das infraestruturas locais, constrói-se no imaginário social local uma identidade nova para o lugar, transformando o comportamento da população local. "Através do *marketing*, trabalha-se com a perspectiva da revalorização e do reencantamento da natureza, que estariam contemplados pelo ecoturismo" (MORETTI, 2000, p.113).

É a instalação, orientada pelos agentes que incrementam a atividade turística no lugar, daquilo que Milton Santos (1997) denominou "psicoesfera", ou seja, "o reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido" (SANTOS, 1997, p.204), que estimula o imaginário local e assim legitima entre os habitantes a racionalidade praticada pelo mercado na apropriação dos recursos, vendendo a idéia de um desenvolvimento baseado na atividade turística, para a geração de uma renda que na realidade não é igualmente distribuída entre os que habitam o lugar.

Esta mesma psicoesfera cria uma nova imagem de Brotas, como um lugar "privilegiado pela natureza", e o município desenvolve políticas continuadas de preservação ambiental, programas voltados para o planejamento da atividade ecoturística, e procura envolver a comunidade local no tratamento de tais questões. Assim, segundo Lucrécia d'Alessio Ferrara, "o turismo cria o lugar turístico, sua reputação, sua curiosidade, e faz do lugar estrangeiro seu objeto de publicidade e, portanto, de lucro; entretanto, falsifica porque transforma a banalidade cotidiana do lugar em valor ou brilho comercial" (FERRARA, 2002, p.76-7).

Mas o envolvimento da população local com a atividade turística acaba ficando restrito, visto que as oportunidades de emprego na atividade não são amplamente difundidas entre os moradores; e a maioria dos empreendimentos hoteleiros, por exemplo, resultam de investimentos externos, sendo portanto, exógenos à racionalidade própria do lugar. A atividade turística no município acaba assim por se caracterizar como uma atividade que exclui social e espacialmente a população, visto que não são todos os moradores e nem todos os turistas que podem usufruir os "produtos turísticos" oferecidos.

O ecoturismo é uma das práticas turísticas mais caras no Brasil e em todo o mundo. Em Brotas as fazendas que possuem atrativos como cachoeiras e nascentes cobram ingressos apenas para a apreciação do local. Quando a atividade envolve a prática de esportes radicais, os preços são bastante excludentes. São utilizados serviços de guias e instrutores, além de grande quantidade de materiais de segurança que na maioria das vezes são apenas encontrados em agências especializadas, o que acaba tornando estas práticas muito seletivas entre os turistas que visitam o município. Desta forma, não são todos os que podem "desfrutar da natureza", que, ainda que um tanto já artificializada, é preparada para ser "consumida" por uma minoria de consumidores "privilegiados".

O DESAFIO DA SUSTENTABILIDADE NA ATIVIDADE TURÍSTICA EM BROTAS

O mercado turístico se apresenta como sendo um dos mais competitivos e, paralelamente à competição das diferentes tipologias do turismo, é também produzida uma competitividade das localidades turísticas.

As localidades turísticas se “sustentam” somente enquanto mantêm-se como “novidade” no mercado. Em Brotas esse fato não é diferente, sendo facilmente identificado na forte procura pelo “novo”, na maneira como o lugar produz e reproduz constantemente uma imagem renovada, oferecendo “produtos turísticos” novos.

É o caso, por exemplo, da constante busca pelas agências de ecoturismo locais em oferecer produtos/atividades ecoturísticas novas. Para se ter uma idéia deste processo, em 1993 os atrativos se resumiam apenas à visitação de algumas poucas cachoeiras que eram exploradas, e a prática do “*bóia-cross*” (descida em b ias no rio) em algumas corredeiras do Jacaré-Pepira. Hoje, são mais de vinte as modalidades² de esportes e atividades ecoturísticas oferecidos pelas agências no município.

O mesmo fen meno ocorre em se tratando da oferta dos novos “sócios turísticos”; geralmente pequenas propriedades fora da área urbana, onde se encontram a maioria das cachoeiras. Esses sócios eram apenas dois abertos   visita o turística em 1993; hoje existem 23 desses empreendimentos no município, que contabilizam 35 cachoeiras (70% das 50 cachoeiras existentes no município).

A visita o dos sócios   cobrada por número de turistas. A concorrência entre os diversos “sócios-turísticos” também   crescente, e somente os atrativos naturais já não são suficientes para atrair a visita o dos turistas, o que levou diversos proprietários a estarem constantemente adequando suas infraestruturas, tais como a constru o de acessos às cachoeiras, banheiros e até mesmo a constru o de piscinas, lanchonetes e restaurantes nessas propriedades rurais, o que acaba por descaracterizar as paisagens locais.

Revela-se, portanto, uma maior preocupa o em tornar a cidade um “produto” cada vez mais comercializável e competitivo no mercado turístico, e internamente essa racionalidade   reproduzida com a concorrência entre os diversos agentes que promovem a atividade turística no lugar, enquanto a preocupa o com a preserva o dos “recursos naturais” e sustentabilidade ambiental passa a ser residual.

CONSIDERA ES FINAIS

Dez anos após uma política dos agentes públicos e privados, orientada para o implemento do ecoturismo como alternativa para o desenvolvimento local, muito mudou no município de Brotas.

A idéia de preserva o ecológica aliada ao turismo sustentável, confere uma atra o turística forte ao lugar. Segundo dados da Prefeitura Municipal (2003), o fluxo de turistas alcança cerca de 140 mil visitantes por ano. Desta forma, o ecoturismo   mais uma atividade que promove a inser o do município no mercado regional/nacional, onde a “mercadoria” oferecida são as paisagens e os recursos locais, e a ativi-

² *Aqua-ride*, arborismo, *bóia-cross*, canoagem, *canyoning*, *rafting*, *rapel*, tirolesa, corridas de aventura, *duck*, escaladas, *floating*, *hidrospeed*, *mountain bike*, trilhas em matas, banhos de cachoeira, caminhadas, cavalgadas, pesca, recrea o infantil, entre outras.

dade passa a ser privilegiada pelo poder público como a principal estratégia de desenvolvimento econômico.

A cidade passa a ser visitada, ou mesmo “consumida”, por turistas que procuram não vivenciar os aspectos de uma realidade, mas de como estas realidades são ditadas pelo interesse do consumo, de uma forma padronizada, e dependente do quanto o turista se dispõem a pagar.

A atividade turística atual, da forma como se encontra atrelada à lógica do mercado, promove uma espetacularização da natureza e a construção de ideários não-urbanos, em que a finalidade maior é o consumo. Assim, como propõe Luchiarri (2001) a mitificação das paisagens naturais participa de um processo maior de estetização do consumo, produzindo mesmo uma “euforia” pelo meio ambiente e por tudo aquilo a que ele se refere.

Nesse sentido, a visita do turista deixa de ser uma “aventura”, pois o contato que existe é com uma “natureza” dominada e artificializada, onde existe por todos os lados guias turísticos prontos para socorrer os mínimos imprevistos, dizer sempre para onde se deve olhar, o que há de mais bonito nas paisagens e o que são as coisas diferentes do lugar. É a partir dessas atividades “e na onipresente «fuga» da cidade nos fins de semana, [que] a visão da natureza inerente ao movimento de ‘volta à natureza’ encontra sua expressão contemporânea” (SMITH, 1988, p.38).

Este ideal de “retorno à natureza” reproduz, ao mesmo tempo e juntamente ao “ambiente natural”, as formas tipicamente urbanas. É o lugar se adaptando às novas exigências do período, participando e sendo apropriado pela atual lógica do mercado.

Ao mesmo tempo, cria-se um símbolo na atividade turística – o “ecoturismo”, a ser consumido por aqueles consumidores preocupados com a conservação dos ambientes visitados. Mas da forma como a política de desenvolvimento tem se dado em Brotas e em muitas outras partes do Brasil e do mundo, a prática deste tipo de turismo tem resultado muitas vezes na deteriorização do ambiente e da comunidade local.

Em Brotas por exemplo, o “ambiente natural” foi e está sendo transformado rapidamente em um “espaço-paisagem” estruturados pelo e para o consumo. Para tanto, é construído paralelamente um ambiente urbano descolado da realidade local, com a renovação de infraestruturas tais como: hotéis, bares e restaurantes; para o recebimento de um fluxo de turistas por vezes além da capacidade de suporte da cidade e dos locais de visitação.

Assim, ocorre uma “venda” do lugar e das paisagens locais através da propaganda e do *marketing*, que produzem, com o desenvolvimento da atividade turística, e paralelamente a renovação das infraestruturas locais do território, uma “psicoesfera” que invade o cotidiano local e estimula o imaginário dos homens que passam a ver na atividade turística uma promessa de desenvolvimento social. Essa mesma esfera de subjetividades idealiza entre os turistas a existência de um lugar “privilegiado pela natureza”, vendendo essa ideologia como um produto novo, um “modo de vida” diferente que atrai o interesse dos visitantes através da construção de uma imagem do lugar que chega a parecer mítica. É o fenômeno que Rebeca Scherer (2002) denomina “cidade-espetáculo”, caracterizando diversas localidades turísticas neste período contemporâneo.

A idéia de sustentabilidade da atividade turística em Brotas se vincula mais à manutenção e crescimento da rentabilidade econômica dos investimentos, e portanto, ao aumento do número de turistas e das infraestruturas locais para recebê-los, do que ao desenvolvimento de uma consciência de conservação ambiental e do próprio produto turístico oferecido. Dessa forma, é necessária uma constante renovação dos atrativos turísticos locais, na intenção de manter o lugar competitivo em relação a outras localidades turísticas.

Assim, a sustentabilidade tanto ambiental como econômica da atividade turística se encontra ameaçada em Brotas, apesar das inúmeras potencialidades que a localidade apresenta. Para a constituição de um desenvolvimento sólido da atividade, seria necessário um maior comprometimento do poder público na incorporação de camadas mais amplas da população local, no sentido de torná-las consumidoras dos produtos turísticos criados no lugar, e ao mesmo tempo mais participantes do desenvolvimento econômico estimulado pelo processo, tal como nos propõe Scherer (2002, p.83). Nas palavras de Meneses, "(...) o tipo de turismo que propusermos e praticarmos dependerá do tipo de relações que julgarmos aceitáveis e desejáveis entre os homens, isto é, do modelo de sociedade pelo qual optarmos" (MENESES, 1996, *apud* CRUZ, 2002, p.118).

A experiência de Brotas e da maioria dos destinos "ecoturísticos" parece ainda estar longe desse caminho. A paisagem local se renova e também se fragmenta, visto que os produtos turísticos e os serviços modernizados que a localidade atualmente recebe são seletivos, não sendo consumidos pela totalidade da população. É essa a atual natureza do uso dos recursos e das estratégias de desenvolvimento dos lugares promovidas pela ação do capital no período contemporâneo. As preferências e necessidades são criadas, as imagens e os recursos reproduzidos, os ideais humanos são "racionalmente" construídos, e as localidades, em suas especificidades, são produzidas pela e para a lógica do mercado.

REFERÊNCIAS

- BECKER, B. Redefinindo a Amazônia: o vetor tecno-ecológico. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Brasil: Questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p.223-244.
- CRUZ, R.C.A. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In: YÁZIGI, E. (Org.) **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p.65-82.
- FERRARA, L. D. Os lugares improváveis. In: YÁZIGI, E. (org.) **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p.107-119.
- LUCHIARI, M. T. P. D. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAL, Z. (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- MORETTI, E.C. **Pantanal, paraíso visível e real oculto**. O espaço local e o global. 2000. Tese (Doutorado em Geografia). IGCE, UNESP, Rio Claro, 2000.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BROTAS. **Brotas**. Ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentável. Brotas/SP, 2003 (Mimeo).
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2.^a ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SCHERER, R. Paisagem urbanística, urbanização pós-moderna e turismo. In: YÁZIGI, E. (Org.) **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p.83-105.
- SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Natureza, Capital e a Produção do Espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

Recebido em julho de 2003
Revisado em julho de 2003
Aceito em setembro de 2003